



SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	15
1. A capacidade de criar e destruir do ser humano	19
2. O ser humano entre outros “seres”: o mistério de nossa ignorância	25
3. As possibilidades de conexões: o mistério do Amor	31
4. A questão do tempo	37
5. A questão das permanentes transformações	43
6. A questão da conscientização	49
7. A questão da sincronicidade	57
8. A formação do educador	65
9. A questão do feminino	75
10. O Brasil e sua missão com a educação	81
Conclusões	87
Bibliografia	91
Anexo	93

PREFÁCIO

 Conheci pessoalmente Ruy Cezar do Espírito Santo entre os anos de 1995 e 1996. Já o conhecia pela sua dissertação de mestrado, “Pedagogia da transgressão”, defendida na PUC-SP¹. Era diretor de uma escola de educação básica na cidade de Pindamonhangaba e estava às voltas com a organização de um Fórum de Educação para Pais. Naquele momento, eu precisava de profissionais do campo da Educação que trouxessem aos pais uma mensagem ao mesmo tempo de orientação e esperança, pois vivíamos – e ainda vivemos – situações angustiantes em decorrência das dificuldades nas relações entre pais e filhos, educadores e educandos.

 ¹ Dissertação publicada pela Editora Papirus com o mesmo título.

Havia ficado bem impressionado com as proposições de Ruy em seu trabalho de mestrado: transgredir o paradigma cartesiano e buscar construir novas propostas de visão de mundo, relações humanas e educação; estar atento aos processos de transformações que a vida traz e sensível às necessidades que estas apresentam; cuidar do corpo físico, do corpo mental, do corpo emocional e do corpo espiritual buscando expressar no cotidiano a unidade indissolúvel desses corpos; viver alegre e corajosamente, no Agora, o processo de autoconhecimento.

Além de outros profissionais, convidei Ruy para participar do Fórum. Ele esteve presente e conversou com os pais de um jeito simples e direto, sem, contudo, fugir dos fundamentos teóricos que alicerçam seu trabalho. Ruy conversou, contou histórias, partilhou das experiências vividas e marcou profundamente as pessoas que estiveram ali.

Sou testemunha desse fato uma vez que, sendo diretor, tive acesso aos questionários de avaliação do Fórum. Muitos pais também me procuraram para comentar o quanto havia sido importante aquele momento.

Fiz questão de lembrar esse episódio de minha convivência com Ruy porque ele traz, a meu ver, os aspectos que caracterizam suas grandes contribuições para a educação, escolar e não-escolar, neste momento de crise e transições que vivemos:

- Fazer ver a necessidade de identificar, criticar e transgredir o paradigma cartesiano.
- Mostrar a importância de compreender o ser humano em sua inteireza física, racional, emocional e espiritual.
- Auxiliar a tomar consciência do fluxo contínuo de transformações e mudanças em nosso cotidiano e, daí, a necessidade de viver o Agora.

- Defender a impossibilidade de qualquer avanço rumo à construção de novos tempos – com mais beleza, ciência, alegria, amor e justiça – se não estiver presente nos diferentes espaços educativos o processo de autoconhecimento dos sujeitos ali envolvidos;
- Indicar a interdisciplinaridade como um dos caminhos de superação da fragmentação da cultura gerada pela modernidade, como a construção da interdisciplinaridade demandando necessariamente o autoconhecimento.

Toda a obra de Ruy tem sido um esforço de apresentar aos educadores e educadoras – aos homens e mulheres de nosso tempo e da sociedade brasileira – esses fundamentos, sem os quais não conseguiremos avançar em direção a um amadurecimento humano que comporte respeito pelas diferenças, diálogo, comunhão, amor e realização².

Este trabalho de Ruy traz, contudo, uma especificidade: a preocupação com o autoconhecimento na formação do educador. Se o autoconhecimento é um tema importante para todo e qualquer ser humano que queira realizar o processo de construção de si mesmo de forma consciente e rumo à integração dos muitos fios que tecem a complexidade de nossa condição humana, ele é, de modo especial, fundamental aos educadores. Afinal, são esses profissionais os responsáveis, em grande medida, pela *iniciação* das novas gerações aos processos pelos quais nos construímos como seres humanos no mundo.

Para sugerir caminhos de autoconhecimento, Ruy apresenta – sob a forma de pequenas e densas sínteses (fundadas em con-

² Conferir de modo especial as obras “solo” de Ruy Cezar do Espírito Santo: *Pedagogia da transgressão, O renascimento do sagrado na educação, Histórias que educam e Desafios na formação do educador: retomando o ato de educar.*

sistentes e atuais referências teóricas, em especial da filosofia, da educação, da psicologia, da espiritualidade e da física) e auxiliado por poemas que ele mesmo escreveu, além de trechos de depoimentos de alunos e alunas que realizaram experiências formativas profundas sob sua orientação – seu modo de compreender quem é o ser humano (capítulos 1, 2 e 3), como é a realidade na qual existimos (capítulos 4, 5, 6 e 7) e algumas maneiras pelas quais educadores e educadoras podem contribuir para o processo de transformação paradigmática em curso (capítulos 8, 9 e 10).

Todos esses capítulos estão perpassados pelo tema do autoconhecimento, sugerindo e inspirando caminhos a quem deseje educar na/para inteireza. Todos eles trazem aspectos fundamentais da condição humana: a capacidade humana de criar e destruir; a relação do ser humano com os demais viventes; o Amor; o Tempo; as transformações; a conscientização; a sincronicidade; o feminino presente no homem e na mulher; os desafios antropológicos, políticos e culturais da tarefa de educar no Brasil hoje.

E por que tantos temas? Porque ao mergulhar no processo de autoconhecimento mergulha-se no próprio tecido (= *complexus* = muitos e diferentes fios entrelaçados) da condição humana: uma malha complexa a nos exigir a capacidade de conhecer e cuidar dos múltiplos aspectos que temos desenvolvido para nos constituir ao longo dos tempos.

Gostaria de fazer destaque aqui a dois dentre os muitos e importantes temas que Ruy aborda neste livro.

O primeiro deles é o Amor. Ruy trata dele no capítulo intitulado “As possibilidades de conexões: o mistério do Amor”. É um tema delicado, do qual muitos acadêmicos e professores tendem a fugir por não conseguirem ver nele razoável cientificidade. Tema

que, entretanto, tem estado presente sempre no desejo/impulso/vibração da humanidade, na obra de poetas, de filósofos e de investigadores abertos à condição humana. Há muitos educadores, mais ou menos contemporâneos a nós, que não fugiram dele: Paulo Freire, Rubem Alves, José Pacheco, Morin, Janusz Korczak, Rudolf Steiner e, mais um pouco distante no tempo, dom Bosco. Mas também é verdade que é um tema pouco presente nos atuais processos de formação de professores. Às vezes tenho a sensação de que, para alguns (e não são poucos!), falar de Amor na academia significa “manchar” a construção que a racionalidade moderna elaborou para “explicar” cientificamente os processos educativos. Talvez seja bom aqui lembrar Morin em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, pois não nos definimos apenas por nossa racionalidade, como “se ensinava” não faz muito tempo (“O homem é um animal racional!”):

Somos seres infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Tudo isto constitui o estofo propriamente humano. O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. [...] ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio [...] nutre-se de conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras. E quando, na ruptura de controles racionais, culturais, materiais, há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, quando há hegemonia de ilusões, excesso desencadeado, então o *Homo demens* submete o *Homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço de seus monstros.

Consigno compreender o receio que muitos têm de cair em “pieguices” esvaziadas de fundamentos racionais, mas não consigo compreender que esse receio imponha aos pesquisadores e educadores a atitude de fechar os olhos a um aspecto do desenvolvimento humano que vem se apresentando como central ao

longo dos tempos. Ao contrário, entendo que estudar o Amor – aprofundá-lo e confrontá-lo com base nas contradições humanas – é uma maneira de construir atitudes educativas que venham auxiliar a evitar os excessos reducionistas contra a inteireza humana.

O segundo tema, visceralmente ligado ao primeiro que destaquei, é o tema da capacidade humana de criar e destruir. Afirma Ruy que “esse mesmo ser humano que ‘cria’ beleza, alegria e amor de forma única” é também “o único ser vivo a ‘fazer a guerra’ contra uma raça, uma religião ou, ainda, capaz de destruir o planeta como pré-anunciado em 1945”. Ainda segundo ele, “essa possibilidade de destruir a Vida percebida com a explosão das bombas atômicas é que fez o ser humano se voltar para si mesmo e para o mistério da existência” nestes tempos em que estamos vivendo.

Como construtor da história, o ser humano está sempre decidindo sobre o presente e o futuro da espécie e do planeta. O tempo de hoje é também singular. Nunca tivemos tanto desenvolvimento científico e tecnológico acumulados e, no entanto, nunca estivemos tão perto da autodestruição como agora. As reflexões de Ruy, apoiadas em leituras e pesquisas respeitáveis, fazem ver que, se concomitantemente a este desenvolvimento científico e tecnológico não se fizer também um profundo esforço, individual e coletivo, de autoconhecimento que auxilie a vislumbrar as opções positivas e construtivas que temos pela frente, então poderemos produzir a morte da Vida sobre a Terra.

Os educadores, por certo, não têm apenas eles condições de modificar esta situação, mas sua contribuição para essa transfor-

3 Conferir Morin, E. “Por uma globalização plural”. Folha de S.Paulo, 31 mar. 2002, p. A17.

mação é essencial. Edgar Morin, em texto recentemente publicado em jornal³, dizia que neste momento a humanidade vive dores de uma crise que não se sabe se são dores do parto de uma nova cultura e de um novo tempo ou se são dores do aborto da própria humanidade. Segundo ele, ainda, o futuro nos dirá.

Penso que os educadores, auxiliados pelo processo de autoconhecimento, já podem ir fazendo suas escolhas conscientes e sua intervenção no processo de construção da história. Pela educação podemos ajudar as pessoas a fazer a opção de participar da gestação e do parto de uma nova cultura com alegria, beleza, solidariedade e justiça. Ou também podemos ajudar a construir o aborto de nossa própria espécie e de todo o planeta. O que queremos? Qual a nossa opção? O processo de explorar a si mesmo, com a finalidade de conhecer-se, será fundamental na definição dessa resposta.

Tenho certeza que este trabalho de Ruy auxiliará educadores e educadoras, dos espaços escolares e não-escolares, a mergulhar no exigente mas feliz processo de conhecer a si mesmos e a perceber o quanto podemos fazer diferença, nesta hora, na construção das histórias individuais e coletivas da humanidade presente.

Quero concluir este Prefácio lembrando mais uma vez Paulo Freire: “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

Mudar é preciso. Mãos à obra.

ELYDIO DOS SANTOS NETO

DOCENTE E PESQUISADOR DO PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO (UMESP), ONDE TAMBÉM É DIRETOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LETRAS. AUTOR DE POR UMA EDUCAÇÃO TRANSPESSOAL (CO-EDIÇÃO LUCERNA/METODISTA).

INTRODUÇÃO

O tema do autoconhecimento lembrado historicamente pela primeira vez por Sócrates, com seu famoso “Conhece-te a ti mesmo”, como o “princípio de toda a sabedoria”, é retomado de forma enfática com Carl Gustav Jung, no século XX, como o processo de individuação.

Em obra recentemente traduzida para o português, de autoria de Edward Hoffman, denominada *A sabedoria de Carl Jung* (2005), o autor situa, do conhecido psicólogo, as seguintes manifestações sobre a incógnita do ser humano: “Para descobrir o que é verdadeiramente individual em nós, necessitamos de uma profunda reflexão: e subitamente percebemos como é extraordinariamente difícil descobrir o que é a individualidade” (p. 113). Ou ainda:

O público em geral parece ter mais conhecimento da existência da psique inconsciente do que os chamados especialistas, mas ainda ninguém tirou qualquer conclusão do fato de que o homem ocidental confronta-se consigo mesmo como se fosse um estranho e que o autoconhecimento é uma das artes mais difíceis e exigentes (p. 223).

Esse mistério que envolve a identidade última do ser humano é normalmente confundido com a imagem, que Jung denominava “persona”. Nesse sentido, na mesma obra afirma o autor, transcrevendo Jung:

Fundamentalmente a “persona” não é nada real: é um compromisso entre indivíduo e sociedade em relação ao que um homem aparentemente deveria ser. Ele assume um nome, ganha um título, exerce uma função, é isto ou aquilo. Em certo sentido, tudo isso é real. No entanto, em relação à individualidade essencial da pessoa envolvida, esta é somente uma realidade secundária (p. 113).

Ou ainda:

A identificação com uma profissão ou título é na realidade muito atraente; é precisamente por isso que tantas pessoas não são nada mais do que o decoro concedido a elas pela sociedade. Em vão procuramos uma personalidade por detrás dessa máscara. Por baixo de todo esse acolchoamento, encontraríamos uma criaturinha digna de muita piedade. É por isso que a profissão – ou qualquer outra capa exterior – é tão atraente: ela oferece uma compensação fácil para as deficiências pessoais (p. 112).

Essa identificação egóica do ser humano com sua profissão ou *status* social é a causa de grande parte do sofrimento vivido por tantos, pois a verdadeira identidade permanece oculta, levando as pessoas a viver nas trevas de uma ignorância fundamental de si mesmas.

No caso de um Educador, o drama é sua identificação com a “persona” de “professor”.

Assim, o objetivo da reflexão aqui trazida sobre o autoconhecimento é colaborar para o início de um Caminhar em direção à verdadeira identidade.

Não pretendo, nem poderia, esgotar a imensidade da questão, mas tentarei trazer os elementos que fui encontrando nesse Caminho, por meio do meu trabalho como educador, durante esses últimos 35 anos.

É a partilha do que aí foi descoberto que tento aqui fazer. Após alguns capítulos, o leitor encontrará um poema, inspirações que tenho sobre cada tema.